

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

JOÃO VICTOR BUIATTI RIBEIRO

UBERABINHA (1888 - 1929) E A HISTÓRIA LOCAL:
Possibilidades para o ensino de História

UBERLÂNDIA
2026

JOÃO VICTOR BUIATTI RIBEIRO

UBERABINHA (1888 - 1929) E A HISTÓRIA LOCAL:

Possibilidades para o ensino de História

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em História.

Orientadora: Maria Andrea Angelotti
Carmo

UBERLÂNDIA

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R484 Ribeiro, João Victor Buiatti, 2004-
2026 UBERABINHA (1888 - 1929) E A HISTÓRIA LOCAL: [recurso
eletrônico] : Possibilidades para o ensino de História / João
Victor Buiatti Ribeiro. - 2026.

Orientadora: Maria Andrea Angelotti Carmo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Carmo, Maria Andrea Angelotti, 1974-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III.
Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele Cristine
Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte da minha formação, tanto acadêmica quanto como pessoa. Agradeço a minha irmã, Maria Eduarda, que mudou a forma que eu vejo o mundo desde que nasceu. Agradeço meu pai, Eduardo, meu parceiro sempre. Agradeço meus avós, Maria Raquel e José Rubens que sempre cuidaram de mim como pais.

Agradeço principalmente à minha namorada, Piehtra, que me ensinou e ainda me ensina como ser uma pessoa melhor desde que nos conhecemos, ainda na escola, em 2020. Por fim, agradeço à pessoa mais importante da minha vida, que me apoiou em cada decisão que tomei, me incentivou a seguir o que eu gosto. Minha mãe, Denise, que sacrificou tanta coisa para que eu possa estar aqui. Que me ouve falar sobre História, ainda que não goste, mas ainda assim se propõe a escutar. Tudo que tenho devo à ela.

Agradeço também a todos os professores que participaram da minha graduação, em especial minha orientadora Maria Andrea, que foi paciente e me ajudou desde o primeiro dia a organizar as ideias que deram origem a este trabalho.

RESUMO

Este trabalho discute a temática da História Local na Educação Básica, a partir da análise da história de Uberlândia entre os anos de 1888 e 1929, quando ainda era conhecida como Uberabinha. O objetivo do trabalho é propor uma abordagem diferente no ensino de História, com foco na possibilidade de utilizar da História Local para ensinar o conteúdo proposto, neste caso a história de Uberabinha inserido no contexto da Primeira República. A metodologia utilizada se baseia em documentos primários, como fotos, mapas e documentos, além de trabalhos que abordam principalmente a história da cidade, História Local e o ensino de História. A partir destas fontes, o trabalho se dedica a propor uma abordagem didática do período histórico em sala de aula, como uma forma de aproximá-lo do aluno. Para isso, foi pensada uma proposta de ensino, que explora alguns locais da cidade, sua história e sua relação com o contexto do Brasil no período selecionado

Palavras-chave: História Local, Uberlândia, Educação Básica, ensino de História

ABSTRACT

This study discusses the role of Local History in Basic Education through an analysis of the history of Uberlândia between 1888 and 1929, when the city was still known as Uberabinha. Its main objective is to propose an alternative approach to History teaching by exploring the potential of Local History as a means of teaching the prescribed curriculum, focusing on the history of Uberabinha within the broader context of the First Brazilian Republic. The methodology is based on the analysis of primary sources, including photographs, maps, and historical documents, as well as scholarly works addressing the history of the city, Local History, and History education. Drawing on these sources, the study proposes a didactic approach to teaching this historical period in the classroom, aiming to bring the subject matter closer to students' lived experiences. To this end, it presents a teaching proposal that explores selected locations in the city, their historical development, and their relationship to the broader national context of Brazil during the chosen period.

Keywords: Local History; Uberlândia; Basic Education; History Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:.....	14
Figura 2:.....	15
Figura 3:.....	17
Figura 4:.....	20
Figura 5:.....	21
Figura 6:.....	33
Figura 7:.....	34

SUMÁRIO

Introdução.....	9
I - História Local e Uberabinha.....	16
II - A História de Uberlândia como recurso didático para o ensino de história.....	25
III - Considerações Finais.....	38
Referências.....	39

Introdução

Quando comecei a despertar o interesse por estudar História, ainda na escola, me deslumbrava com os grandes acontecimentos. De início, adorava estudar temas como as Guerras Mundiais, grandes impérios ou figuras. Esse interesse não sumiu, porém com o tempo foi dando lugar a outro foco. Ao ingressar no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Uberlândia, em 2022, conheci uma outra forma de estudar o passado.

O estudo da História Local me chamou a atenção principalmente por me sentir parte dessa história. Nascido e criado em Uberlândia, ao conhecer mais sobre o passado da cidade, sentia possível perceber pessoalmente a passagem do tempo. Afinal, andava naquelas mesmas ruas que também via nos livros e documentos, mas ao mesmo tempo, totalmente novas. Essa possibilidade de “ver o passado” me fez não apenas me interessar pela História Local, mas nos meios de como ensinar a história da cidade em salas de aula da Educação Básica.

Baseado nisso, este trabalho se propõe a fazer um recorte temporal da formação de Uberlândia, entre os anos de 1888 e 1929, e levantar discussões, temas e problemáticas que podem ser trabalhadas com alunos da Educação Básica, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre suas competências, indica a possibilidade de trabalhar o tema especialmente no 9º ano¹.

O trabalho foi, portanto, construído pensando na possibilidade de desenvolver esse tema dentro da sala de aula, com base na BNCC e nos referenciais teóricos. O contexto do surgimento de Uberlândia está inserido no início da República Brasileira e, assim, é uma forma de ensinar aos alunos sobre esse período enquanto são destacadas especificidades regionais do período.

Para isso, foram utilizadas fontes como documentos encontrados no Arquivo Público Municipal de Uberlândia e no Arquivo Público Mineiro. Jornais, documentos e leis são fontes ricas não apenas para pesquisa, mas para serem utilizadas em sala de aula. De acordo com os professores Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffne²:

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

² Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7961>>

[...] o trabalho em sala de aula com documentos pode ser pensado nesta ótica de criar e recriar o que somos, dando um sentido original para o ensino de história, em conexão com a formação da identidade dos alunos, situados em um determinado contexto histórico, que necessita ser entendido. (Pereira e Seffner, 2009, p.116)

O uso de fontes no ensino, nesse sentido, possui uma função didática importante para a formação e entendimento dos estudantes. Além disso, também foram utilizados trabalhos que se aprofundam na história da cidade, como o de Sandra Mara Dantas, e autores como José D'Assunção Barros e Eduardo Cavalcanti foram utilizados para embasar as discussões sobre História Local e ensino de História.

O recorte temporal tem início com a emancipação da freguesia de São Pedro de Uberabinha, na época parte de Uberaba, em 31 de agosto de 1888, pela Lei nº 3.643³. Essa data é comemorada como o aniversário de Uberlândia, mas este só viria a ser o nome da cidade no ano de 1929. Nesse período de 41 anos, mudanças políticas, sociais e econômicas aconteceram, todas guiadas por um discurso de progresso das elites locais.

Essa elite local, desde a emancipação da cidade, coloca seus interesses claros de como seria a Uberabinha ideal para eles. De acordo com a autora Sandra Mara Dantas, o tema da civilidade era tão recorrente quanto o próprio progresso. Em um contexto republicano, a elite uberabinhense buscava também se inserir no ideal de “civilização” moderna, criando até mesmo um Código de Posturas para a população, que entrou em discussão em 1896..

Os Códigos de Posturas tratam da organização da cidade tanto no tocante às práticas no espaço público como no espaço privado. [...] Enfim, os códigos apontam o modo preferencial do crescimento e desenvolvimento para a cidade. São mecanismos de prevenção e controle da ordem social e instrumentos legais de apoio na regulamentação dos hábitos cotidianos. (Dantas, 2009, p.125)

³ Lei no 3.643, de 31/08/1888 - Texto Original - Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/3643/1888/>>. Acesso em: 4 jun. 2026.

Não é possível saber ao certo quando esta primeira versão foi publicada, mas se tem acesso ao *CODIGO MUNICIPAL POSTURAS E Regimen Tributario DA Camara de Uberabinha*, do ano de 1913. Essas leis, assim como Dantas explica, eram como um manual não apenas da parte jurídica e econômica, mas até mesmo de comportamento dos cidadãos.

O tão falado progresso de Uberabinha no fim do século XIX e início do século XX, portanto, passa pela vontade de suas elites políticas. Estudar a cidade entre os anos de 1888 até 1929 é entender os processos modernizadores que ocorreram, mas também problematizar os discursos dominantes que se deram no período.

A BNCC diz sobre o ensino das Ciências Humanas: “O raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica” (BRASIL, Ministério da Educação, 2018)⁴.

Esse trecho deixa claro a importância do ensino da História Local na Educação Básica, especialmente no ensino de História. Para José D’Assunção Barros⁵:

Uma história, entre outros adjetivos, será uma história local no momento em que o “local” torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história deve fazer uma análise do local e tempo que contextualiza seus objetos (o que é pressuposto de toda História), mas no sentido de que o ‘local’ implica aqui uma referência a uma cultura ou política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano. (Barros, 2022, p.26)

A definição de local é por si só temas de debates. O local não é apenas um espaço físico, mas também carrega significados próprios, dados por aqueles que vivem naquele local. Nesse sentido, o objeto de análise pode ser um bairro, uma cidade, uma região geográfica ou política, como o próprio Triângulo Mineiro ou o estado de Minas Gerais. De acordo com Barros, a História Local não é definida pela escolha de uma localidade micro, mas sim por colocar os problemas do lugar escolhido no centro da análise.

⁴ Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>

⁵ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/57694>.

De acordo com o Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei nº 9.394/1996⁶:

“Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.” (BRASIL, 1996)

A LDB é a base para toda a Educação Básica no Brasil, inclusive é a lei norteadora da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Ela propõe, nas diferentes esferas do ensino, a construção de conhecimentos locais e regionais. Esse artigo portanto reforça a importância da História Local dentro da sala de aula. Agregar esses conhecimentos no ensino de História é, de acordo com Karl Schurster Veríssimo de Souza Leão e Oberdan da Silva de Andrade: “um recurso fundamental para a valorização e fortalecimento da identidade local”⁷.

Esse processo nem sempre é fácil. O currículo escolar, muitas vezes, não permite ao professor ampliar ou se debruçar sobre temáticas mais específicas com maior profundidade. Leão e Andrade também destacam nesse sentido que: “[...] o currículo é antes de tudo uma construção histórica, social e cultural, e desse modo, as decisões sobre os conhecimentos que estão inseridos em sua composição tendem a transcorrer por diversas esferas”.

Apesar disso, trazer esses debates para os alunos teria como objetivo promover reflexões ao disponibilizar alguns conceitos como o de lugar e pertencimento, por exemplo. Nessa perspectiva, o ensino da formação histórica de Uberlândia – mesmo em seu período inicial – revela-se fértil por partir da realidade imediata dos estudantes. Ao mobilizar o conceito de espaço como categoria histórica, é possível evidenciar que os processos locais não ocorrem de forma isolada, mas se articulam dialeticamente com as dinâmicas nacionais, notadamente as da República Brasileira.

A segunda parte deste texto será dedicada às sugestões de como colocar esses temas em prática em sala de aula. O autor Mauro Cezar Coelho, no capítulo “*Que enredo tem essa história? A colonização portuguesa na América nos livros*

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

⁷ Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/27>.

didáticos de história”, parte da coleção Livros Didáticos de História: entre política e narrativas, diz que: “O saber histórico em situação escolar não se confunde com a instrumentalização do saber historiográfico, de modo que ele seja compreensível a crianças, adolescentes e adultos.” (Coelho, 2017, p.193).

Ensinar História na escola, portanto, não é apenas discorrer sobre fatos históricos, mas fazer de uma forma compreensível aos alunos e, mais do que isso, uma forma que desperta e dialogue com os seus interesses. Esse processo de ensino envolve vários elementos: do ambiente escolar, desde os livros didáticos, outros materiais didático pedagógicos, a formação docente entre outros que implicam na forma como se aborda a temática em sala de aula.

Assim, a segunda parte tem como objetivo propor como utilizar desses elementos para ensinar a história de Uberlândia enquanto, ao mesmo tempo, aborda o início da República no Brasil, contextualizando a cidade em um cenário mais amplo. A formação da cidade e seu ideal de progresso se relacionam diretamente com o período histórico em que ocorrem. Para isso, é indispensável aulas expositivas sobre o tema. A utilização de fontes primárias, como jornais de época e documentos, além de iconografias (mapas, fotos, pinturas), que podem ajudar na construção e desenvolvimento de uma aula mais instigante e próxima da realidade do estudante.

Figura 1:



Vista da cidade da Av. Floriano Peixoto em 1930 (Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia)

O uso dessas imagens não é apenas estético, mas possui a função de tornar o conteúdo ensinado mais palpável ao aluno. Além disso, ver lugares conhecidos e como foram no passado ajuda a reconhecer processos históricos. O Arquivo Público de Uberlândia possui diversas coleções, inclusive no formato digital, que podem ser consultados e utilizados no ensino desses conteúdos.

Para além da sala de aula, ensinar sobre a história da cidade permite uma metodologia única, de visitar os locais estudados. Muitos dos lugares não existem mais ou foram completamente transformados. Mostrar essa diferença para os alunos, como a antiga Estação da Mogiana (atual Terminal Central) e a Igreja de Nossa Sra do Carmo (atual Biblioteca Pública Municipal) é uma outra forma de ensinar sobre como a história é um processo contínuo de transformações. Outro local de destaque é o Museu Municipal, prédio que já foi Prefeitura e Câmara e onde, antes do prédio, era um cemitério.

Figura 2:



Praça Clarimundo Carneiro (na época, Praça da Liberdade), o Coreto Municipal e o Palácio dos Leões, onde hoje funciona o Museu Municipal na década de 1920. (Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia)

Essas mudanças, muitas vezes, podem passar despercebidas por aqueles que as vivem, ao ponto de não se reconhecerem como parte desse processo. As atividades propostas tem como objetivo, além do ensino de conteúdo, fazer com que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos, que participam ativamente das transformações ao seu redor e que o valor da História vai muito além de uma prova.

Por fim, a última proposta seria uma avaliação baseada no tema, não por meio de uma prova, mas de um trabalho de pesquisa. A ideia seria exercitar a capacidade do aluno ao sugerir a escolha de um local (bairro, rua, praça) e buscar a história daquele lugar escolhido, por meio de fontes orais, registros escritos e fotos. Essa atividade tem como finalidade incentivar o aluno a saber mais sobre os lugares do seu entorno, assim como colocar em prática o que foi ensinado em aula sobre História Local.

I - História Local e Uberabinha

Antes de falar sobre a História Local, é necessário entender o que faz daquele recorte geográfico um lugar. Como já dito, um local vai além do espaço físico. Ele é envolto por significados, culturas, sentimento de pertencimento. Barros explica que, no âmbito da Geografia, o termo “local” é vinculado ao espaço em si, enquanto “lugar” seria um conceito que carrega as subjetividades para além da existência física. O autor indica que: “O lugar é o local que adquiriu visibilidade para alguém, porque investido de certos significados. Assim, o lugar é o espaço ao qual foram agregados novos níveis ou camadas de sentidos.” (Barros, 2022, p.25).

Um local, portanto, seja ele um bairro, uma cidade, uma região ou um estado, só se constitui a partir dos sentidos que são relacionados a ele. É por ação humana, por exemplo, que fronteiras surgem, mesmo aquelas com uma divisão geográfica. No caso do Triângulo Mineiro, por exemplo, duas de suas divisas são rios, o Rio Paranaíba que faz a divisa com Goiás e o Rio Grande que faz a divisa com São Paulo. Esses rios já existiam ali muito antes de qualquer divisão política feita, tanto que a região do Triângulo Mineiro, na época chamado Sertão da Farinha Podre fez parte da Capitania de São Paulo até 1749 e da Capitania de Goiás até 1816, quando finalmente se tornou parte de Minas Gerais⁸.

⁸ Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/54614>.

cidades, Uberaba e Araguari. De acordo com dados do Arquivo Público Mineiro (APM)¹¹, em 1890, Araguari possuía uma população total de cerca de 10 mil habitantes, enquanto Uberaba tinha quase 20 mil e Uberabinha apenas 7 mil.

A emancipação da cidade ocorreu apenas um ano antes do fim do Império e os ideais liberais republicanos fizeram parte da formação de Uberabinha. De acordo com Dantas, inclusive, foi o Partido Liberal que lutou pela emancipação, o que reflete a influência política dessa ideologia no período. Leonardo Latini Batista (2012) destaca que, durante o fim do século XIX e início do século XX, diversas esferas do poder público trabalharam para consolidar o republicanismo no Brasil e as ideias liberais e positivistas.

A Uberabinha dessa época não é exceção a esse processo. Dantas defende que a emancipação política não veio de um clamor popular, mas sim por meio das elites locais.

[...] a emancipação política de Uberabinha foi parte de um projeto dos grupos dirigentes que, valorizando o urbano como signo de um novo tempo, buscava materializá-lo para que a pequena urbe se destacasse na região, como expressão de práticas de homens harmonizados com os princípios da civilidade, da modernidade e do progresso. (Dantas, 2009, p.6)

Não é difícil fazer uma comparação com a própria Proclamação da República no Brasil, feita por militares e apoiada pelas elites, com pouca, ou nenhuma, dependendo da interpretação, participação popular. As políticas de Uberabinha nos primeiros anos de emancipação passam pela ideia de progresso, tão popular entre os republicanos liberais que se tornou parte da bandeira, com o lema “Ordem e Progresso”.

Fazer esse exercício de aproximação entre o que se passa no âmbito regional e nacional é essencial para entender outro aspecto importante da História Local: ao estudar uma cidade, a história “geral” é inseparável. A Uberabinha da década de 1890 está inserida no contexto do Brasil republicano, com as propostas liberais refletindo na organização da cidade. Porém, Eduardo Cavalcanti¹² faz um adendo:

¹¹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. População de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1170.pdf>.

¹² CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. Revista História Hoje, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>.

Em outras palavras, é possível ensinar os conteúdos que representam as experiências históricas próximas ao universo de vivência dos estudantes sem limitar as reflexões a uma interpretação que compreenda os acontecimentos da chamada “história local” como se fossem determinados pelas dimensões espaciais ou resultantes de uma “história maior”, ou nacional, se quisermos. (Cavalcanti, 2018, p.287)

Apesar de ser um reflexo da experiência republicana brasileira, a história de Uberabinha, ou de qualquer cidade, não se limita às ações e acontecimentos “maiores”. Pegamos, por exemplo, Uberaba e Araguari no mesmo período. Apesar de cidades geograficamente próximas e que passam por processos parecidos, como a chegada da linha de trem, cada uma possuía particularidades que diferenciavam uma das outras. O fim do século XIX era um período de recessão econômica para Uberaba, enquanto suas vizinhas viviam momentos de prosperidade.

É necessário, assim, ter cuidado ao ensinar sobre História Local, pois a vivência de Uberabinha não é a mesma de todas as cidades do interior do Brasil no período. Da mesma forma, não é uma história menor ou inferior, uma vez que pode ser sim uma fonte rica para exemplificar os processos históricos que ocorriam no país.

Leonardo Latini Batista discorre sobre uma “religiosidade positiva” no Brasil republicano, que ditava o ordenamento social da época. Desse modo, ao se referir a educação de Uberabinha, o professor Carlos Henrique de Carvalho cita¹³: “Notamos o uso da moral católica pelos liberais para a educação de jovens, assim como um ideal de progresso da República utilizado pelo grupo religioso de Uberabinha-MG.” (Carvalho, 2008, p.63)

A influência religiosa exercida em Uberabinha tinha um caráter social, político e educacional. Nesse período chegou à cidade triangulina as primeiras escolas e grupos escolares, uma política comum no estado de Minas Gerais na época. Os memorialistas Jerônimo Arantes do Nascimento e Antônio Pereira da Silva atribuem a Felisberto Alves Carrejo a primeira escola da cidade, em sua fazenda. Porém, no início do século XX, a educação começou a ser encarada como uma peça importante da sociedade, ganhando uma conotação moral.

¹³ Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/273>.

Em 1897 foi criado o Colégio Uberabinhense, a primeira escola voltada ao ensino secundário¹⁴. Diversas outras escolas foram construídas nos anos seguintes, com destaque principalmente para a Escola Estadual Bueno Brandão, que teve a construção aprovada em 1911¹⁵ e o Ginásio de Uberabinha, no prédio que hoje funciona a Escola Estadual de Uberlândia, chamada comumente de Museu.

Figura 4:



Escola Estadual Bueno Brandão, na Praça da República, década de 1910 (atual Tubal Vilela). (Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia)

Antônio Pereira diz que, entre 1900 e 1930, foram fundadas 18 escolas em Uberabinha, um número expressivo para uma cidade que possuía não mais que 40 mil habitantes. De acordo com Dantas: “As elites uberabinhenses defendiam a instrução escolar como uma das estratégias para efetivar o projeto de cidade moderna” (Dantas, 2009, p.134).

¹⁴ Gatti, Giseli & Filho, Geraldo & Gatti Júnior, Décio. (2008). A ESCOLA NA CIDADE: A CRIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EM UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉC. XX. Cadernos de História da Educação. 5.

¹⁵ Disponível em:

<https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/Arquivo-Escola-Estadual-Bueno-Brand%C3%A3o.pdf>

A educação em Uberabinha, portanto, possuía um papel fundamental na consolidação do progresso para as elites locais, algo comum também em outros pontos do país. De acordo com Carvalho: “[...] a cidade de Uberabinha foi povoada pelos mesmos ideais pedagógicos que circulavam pelo país e viam na esteira da construção e da disseminação de escolas, como sinônimo de melhora-mento da vida local.” (Carvalho, 2008, p.62)

Assim como a educação, a imprensa foi importante ferramenta cultural e social para as elites. O primeiro jornal da cidade surgiu em 1897, com “A Reforma”¹⁶. De acordo com Dantas, no entanto, a atividade de imprensa em Uberabinha começou a se dar de forma contínua apenas em 1907, quando surgiu “O Progresso”. Nos anos seguintes, outros jornais surgiram, como por exemplo o famoso “A Tribuna”, de 1919. Um tema recorrente entre esses jornais é a difusão dos ideais republicanos liberais e a exaltação do progresso.

Figura 5:



Jornal “O Progresso”, edição de 20 de Dezembro de 1914. (Fonte: Gazeta do Triângulo)

¹⁶ SANTOS, R. M. Práticas culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897–1950). História & Perspectivas, Uberlândia/ MG, n. 40, p. 207-226, jan./jun. 2009.

Uberabinha, portanto, crescia conforme sua elite desejava, uma elite que controlava a educação, a política e a imprensa. Até então, os elementos tratados se referem ao controle do discurso progressista. Porém, o que respaldava esse discurso vinha de um caráter econômico e social também.

No final do século XIX e início do século XX, Uberabinha passou por mudanças significativas, com destaque para três processos: a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro em 1895, a abertura da Ponte Afonso Pena em 1909 e a abertura de rodovias a partir de 1912, por meio da Companhia Mineira Auto Viação Intermunicipal¹⁷.

A chegada da ferrovia trouxe para Uberabinha um fluxo de mercadorias e pessoas, além de uma reforma urbana, com a criação da “Cidade Nova”. Até então, a cidade ocupava os atuais bairros Fundinho e Patrimônio, indo até a Praça Clarimundo Carneiro, na época um cemitério. Com a linha de ferro, foi construído uma nova área, que se estendia até a linha, que hoje é a Avenida João Naves de Ávila e que tinha como ponto central a praça Tubal Vilela.

Uberabinha não foi a única cidade a receber os trilhos da Mogiana nesse período. Alguns anos antes, em 1889, a linha de ferro havia chegado em Uberaba e, um ano depois de ser inaugurada em solo uberabinhense, também chegou até Araguari. Esse episódio serviu para resultar um conto, que, verdadeiro ou não, serve para destacar a influência da elite local já nessa época.

No próprio site da Prefeitura Municipal¹⁸, é possível encontrar uma versão que diz que, na verdade, a Companhia da Mogiana não passaria por Uberabinha, mas por outra rota que abrangeria Nova Ponte, Estrela do Sul, Miraporanga ou Monte Alegre. Foi o coronel José Teófilo Carneiro, filho da viúva de João Pereira da Rocha, que foi até Campinas convencer a Companhia pessoalmente. Ele retornou com um engenheiro que decidiu que a linha de ferro passaria pela cidade e, este mesmo engenheiro, foi quem projetou o mapa acima.

Entre outros problemas, incluindo a falta de documentação para suportar essa história, Sandra Mara Dantas destaca que a Câmara de Uberabinha já discutia a

¹⁷ DE PÁDUA BOSI, Antônio. História e historiografia da formação econômica de São Pedro de Uberabinha nos anos de 1912 a 1922. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. p. 17–34, 2000. DOI: [10.48075/rtc.v12i24.444](https://doi.org/10.48075/rtc.v12i24.444). Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/444>.

¹⁸ Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/08/08/uberlandia-134-anos-trilhos-para-a-prosperidade/>

chegada dos trilhos desde 1893. De qualquer forma, o fato é que a linha foi inaugurada e a cidade teve uma expansão urbana e econômica. A Mogiana agora ligava as cidades do Triângulo Mineiro ao interior cafeeiro paulista e o litoral, facilitando o escoamento de produtos e o trajeto de pessoas.

A criação de uma Cidade Nova, como essa nova parte da cidade era referida no período, é outro exemplo do progresso impulsionado pelas elites. Na nova parte se concentraram a maior parte das atividades econômicas, o que fez a região antiga ficar “abandonada”, como aponta o professor Marcus Dias Imenes. De acordo com ele, provavelmente o bairro que mais sofreu com esse processo foi o Patrimônio. Durante esse período, houve projetos de segregação social dentro de Uberabinha¹⁹. Dessa segregação, surgiu a diferença entre o bairro Fundinho, voltado para as elites, e o bairro Patrimônio, voltado para a classe baixa, formado principalmente por descendentes de ex-escravizados.

A ironia é o fato de que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o prédio religioso mais antigo da cidade e erguida pela população negra em 1891, fica localizada na região voltada para as elites. Na página da Prefeitura de Uberlândia, é possível encontrar a descrição da igreja como “modesta”²⁰. Nessa mesma página, é dito:

Nos anos seguintes, o centro urbano cresceu geograficamente e as imediações da Igreja do Rosário tornaram-se um lugar no qual as famílias tradicionais começaram a edificar suas residências. Existia um descontentamento da população com aquela construção que era considerada acanhada. Desta forma, por iniciativa de Cícero Macedo, formou-se uma comissão encarregada da construção de uma nova igreja que fosse “mais condizente com a época”.

Fica claro, por meio dessa passagem, que a existência da Igreja naquele local incomodava a elite que vivia no entorno. Foi necessária uma reforma, para se adequar ao ideal de cidade progressista e moderna, que era a todo tempo defendida. Uma igreja pequena e antiga, lugar que reunia pobres e filhos de ex-escravizados não tinha lugar no coração da cidade. Ainda assim, a Igreja do

¹⁹ IMENES, Marcus Dias. Ferramentas didáticas para o(a) professor(a) designado(a) de Minas Gerais. Ensino de História, Mundos do Trabalho e Patrimônio Cultural em Uberlândia. 2024. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024 <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.436>.

²⁰ Disponível em

<<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/igreja-nossa-senhora-do-rosario/>>

Rosário permaneceu no mesmo local e, por mais de 100 anos, seu entorno é uma manifestação de resistência e valorização da cultura negra, sendo palco do congado, festa tradicional da população negra em Uberlândia.

A chegada da ferrovia, portanto, trouxe à Uberabinha mudanças não apenas no âmbito econômico, mas também sociais e culturais. No entanto, Dantas diz que a ferrovia perdeu espaço, dando lugar a outro meio de transporte: o automotivo. Em 1909, foi inaugurada a Ponte Afonso Pena, que passa por cima do Rio Paranaíba, na divisa entre Minas Gerais e Goiás, representou a conexão entre o Triângulo Mineiro e o interior do Brasil e teve impacto no escoamento de produtos para o litoral do país. A autora diz que: “Esse movimento animou Uberabinha e sua elite econômica logo passou a reivindicar a expansão rodoviária como alavanca de seu progresso.” (Dantas, 2009, p.116)

Poucos anos depois, em 1912, foi criada a Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal por Fernando Vilela, que conectou a cidade à ponte com estradas para veículos. Uberabinha agora estava conectada ao centro do Brasil não apenas pelos trilhos, mas pelas rodovias. Esses três elementos (ferrovia, ponte e rodovia) muitas vezes são colocados como o “tripé do desenvolvimento”, que impulsionou o progresso e a modernidade.

Vale destacar que esse período de euforia modernista veio acompanhado com a chegada de mudanças culturais e urbanas também. Em 1909, foi inaugurado o Cine Teatro São Pedro, o primeiro cinema de Uberabinha. Nesse mesmo período, temos melhorias estruturais na cidade, como a chegada da energia elétrica em 1909 e serviços telefônicos em 1911.

Em 1912, o primeiro clube de futebol também é fundado, o União Foot Ball Club²¹. O esporte havia chegado alguns anos antes, de acordo com Antônio Pereira, e teve uma relevância significativa em Uberabinha. Em um período de dois anos, a cidade já possuía pelo menos quatro times diferentes. Essas equipes jogavam em campos improvisados, como por exemplo na Praça da República, atualmente Praça Tubal Vilela.

Como indicado no texto, o fim do século XIX e início do século XX foi um período de mudanças em Uberabinha, com a cidade se desenvolvendo. O discurso do progresso, no entanto, deve ser analisado com o devido cuidado, pois volta à uma interpretação ufanista e progressista da história, como essa locomotiva

²¹ PEREIRA DA SILVA, A. As Histórias de Uberlândia, volume 2. Uberlândia: [s.n.].

imparável que continua sempre para frente. O ponto aqui não é dizer que a cidade não passou por um desenvolvimento significativo, pois essa afirmação iria contra os próprios registros históricos, mas colocar em xeque qual o objetivo desse discurso e de quem ele emana. As elites locais, que ditavam o funcionamento de Uberabinha, também ditavam o tipo de discurso que seria difundido sobre a cidade.

II - A História de Uberlândia como recurso didático para o ensino de história

Os autores Karl Leão e Oberdan de Andrade ressaltam a importância de ensinar a História Local como :

[...] fundamental importância para o ensino e aprendizagem dos estudantes, trazendo para sua vivência escolar conteúdos referentes a sua história, sua memória e sua identidade, estimulando assim, a implementação de um currículo diversificado mais dinâmico, criativo e inovador nas atividades curriculares e extracurriculares da educação básica. (Leão e Andrade, p.399)

O que se refere como “currículo diversificado” parte da LDB de 1996 e é interpretada pela BNCC que o conhecimento escolar deve ser “contextualizado pela realidade local, social e individual da escola e do seu alunado” (Brasil, 2017, p.11). O estudo de História, portanto, não deve se restringir a um ensino geral e comum. A disciplina talvez seja, dentre todas as ofertadas na Educação Básica, a com maior potencial para ser explorada dentro desse currículo diversificado.

Dentro dessa ideia, utilizar a história da própria cidade onde os estudantes moram é um exemplo perfeito de contextualizar o conteúdo ensinado. Estudar sobre Uberabinha no fim do século XIX e início do século XX não é suficiente para aprender sobre toda a Primeira República, mas esse não deve ser o objetivo de levar a História Local para a sala de aula.

Não é raro ver alunos encontrando dificuldades para se conectar com o tema ensinado, seja em História ou outras disciplinas. A História do Brasil muitas vezes fica concentrada naquilo que ocorre no Rio de Janeiro e em grandes cidades, de forma que, além de uma distância temporal, cria-se uma distância espacial também. Falar sobre Uberabinha, portanto, pode ter um efeito nos estudantes de entender os processos históricos em um local conhecido.

A tarefa não é simples, pois, como Leão e Andrade novamente pontuam: “[...] o professor precisa estar atento ao contexto em que atua, detectar as necessidades locais e globais e ressignificá-las em objetivos e temas escolares dos mais diversos em suas práticas pedagógicas cotidianas, entre eles, a mensuração e/ou implementação da temática local” (Leão e Andrade, 2020, p.399). Nem toda turma responde da mesma forma à uma mesma aula.

Além disso, outro desafio enfrentado é a constante precarização da carreira docente durante os últimos anos, além das Ciências Humanas, incluindo a História, estarem sendo constantemente sendo preteridas nos currículos escolares. De acordo com o relato de uma aluna da Escola Estadual Antônio Thomaz Ferreira de Rezende, em Uberlândia, turmas do 1º ano do Ensino Médio possuem apenas um horário por semana de História, tempo insuficiente para que o professor dê o conteúdo básico necessário para a formação do estudante.²²

Marcus Imenes entende que esse processo tem a ver com “a visão mercantilista instaurada a partir de um governo neoliberal, a disciplina de História é submetida ao estímulo de formação de cidadãos para o mundo do trabalho e para a realização de exames para o acesso ao curso superior” (Imenes, 2024, p.23). É difícil, portanto, em um currículo que mal permite o professor explicar o conteúdo base, que haja tempo para desenvolver atividades além da sala de aula e com temas variados.

Ainda assim, é essencial que os educadores, que possuem papel não apenas na atuação do ensino de seus conteúdos, na construção de conhecimentos e de cidadania, tenham condições de promover suas aulas de forma mais significativas e instigantes para seus alunos. Mesmo que sufocados por políticas públicas anti-educacionais ao longo dos últimos anos, que tornam a educação utilitarista, voltada para o mercado de trabalho, é preciso destacar e compreender as lutas contra esse movimento neoliberal e trazer para a sala de aula diferentes abordagens e temáticas interdisciplinares.

Para isso, este trabalho propõe uma possibilidade didática, pensada também a partir da BNCC e que permite compreender a sociedade e a cidade em que está inserido. Daquilo que é proposto no documento da BNCC, a história do início da formação de Uberabinha contempla a unidade temática “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”, indicada ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Dentro da unidade temática, o tema atende aos objetos de conhecimento “Primeira República e suas características” e “Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930”. O objetivo geral desta proposta pode possibilitar aos estudantes compreenderem elementos da Primeira República a

²² Relato da minha prima e aluna Samara, 15 anos, que compartilhou sua grade horária para reclamar das poucas aulas de História

partir da história de Uberabinha, ao refletir sobre o ideal de progressismo e modernismo no início da república, aprender a questionar discursos dominantes, além de discutir conceitos de lugar, espaço e cidade. As habilidades da BNCC trabalhadas nestes temas são:

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

Problematizar o conceito de lugar é um ótimo ponto de partida. Eduardo Cavalcanti define que não existe acontecimento fora de um espaço e esse espaço “é uma construção política e simbólica, antes de ser físico-geográfica, porque são as práticas políticas e as relações de poder que nomeiam, inventariam e produzem sentido, visibilidade e reconhecimento do espaço físico.” (Cavalcanti, 2018, p.285).

Contribuir para os alunos entenderem que a cidade, o bairro em que moram não é algo pré-existente, mas sim fruto de diferentes políticas e ações humanas que constituem aquele local. Os estudantes muitas vezes se identificam com um determinado lugar, seja ele a rua em que moram ou o estado, afinal, o espaço é vivo e produz identidades dentro dele. Há uma conotação cultural, política e social quando se diz ser uberlandense, mineiro, brasileiro.

Milton Santos, renomado geógrafo brasileiro, define o espaço como “[...]um sistema de valores, que se transforma permanentemente” (Santos, 2006, p.67). Para ele, é impossível existir um lugar sem a construção de uma sociedade. O espaço físico, que ele chama de paisagem, apenas adquire conteúdo a partir dos eventos sociais, ou seja, a ação humana.

Tais intervenções modificam o espaço, não apenas de forma física, mas no sentido que é atribuído. A história está em constante transformação e, da mesma forma, o local em que as relações humanas ocorrem também. Milton Santos aponta que: “O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro” (Santos, 2006, p.67).

A partir da noção de Milton Santos sobre espaço, é possível compreender a importância de se entender a constituição social e política do local. Afinal, a história é feita nesses espaços, de forma que é impossível dissociar as ações humanas do local que são feitas. Possibilitar aos alunos entenderem como os processos históricos atuam constantemente em seu entorno é peça-chave para compreensão do que é lugar e como eles mesmos participam desses processos.

O próximo passo a ser tratado, seria, então, falar da história de Uberlândia e sua formação. Ao explicar alguns dos pontos mais importantes da construção da cidade, citados ao longo do trabalho, é essencial evitar uma mera aula expositiva, mas problematizar aqueles acontecimentos. Angélica Gomes indica que²³: “Quem estabelece os limites e as formas de se relacionar e significar o espaço sendo também por ele moldados são os seres humanos” (Gomes, 2020, p.22).

A então Uberabinha, portanto, não foi construída de qualquer jeito, mas, como vimos, por meio da vontade de suas elites, que ditavam a política, a economia, a cultura e as relações sociais que ocorriam dentro da cidade. Essa mesma elite foi quem difundiu, ao longo dos primeiros anos de República, o ideal progressista e modernista que Uberabinha possuía, como uma cidade do futuro. Isso não significa, no entanto, que outras camadas da população não tiveram participação na construção política da cidade. O maior exemplo, como citado, é a população negra, inicialmente no bairro Patrimônio, mas que por meio de suas práticas culturais se fez e se faz presente no cotidiano urbano.

O clamor pelo desenvolvimento não deixou Uberlândia e permanece, mesmo nos dias atuais, sendo possível fazer um paralelo, por exemplo, com a construção de um *data center* de inteligência artificial na cidade, anunciado em 2025²⁴. Na matéria do anúncio, as palavras “desenvolvimento”, “pioneirismo” e “inovação” são citadas algumas vezes, sempre destacando o esforço da prefeitura. O paralelo entre passado e presente, dessa forma, torna-se possível e útil para aproximar ainda mais o aluno do tema.

Ao falar da história da cidade, portanto, temas como narrativas e poder também entram na discussão e permitem promover com os estudantes debates que incitem o pensamento crítico. Essa etapa é importante para ensiná-los a pensar, não

²³ Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.6029>

²⁴ Disponível em

<<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2025/07/08/uberlandia-ganha-primeiro-data-center-de-inteligencia-artificial-ia-do-sudeste-do-brasil/>>

apenas durante as aulas, sobre quem está promovendo determinado discurso e qual o objetivo daquela fala. Na era digital, onde os jovens são constantemente expostos a opiniões o tempo todo, ter essa capacidade é essencial.

As abordagens sobre o conceito de lugar e a história de Uberlândia, podem ser trabalhados em uma ou mais aulas expositivas, com a função muito além de apenas explicar a história uberlandense e contextualizar a Primeira República, tendo como objetivo também abrir debates e problematizações relevantes para a realidade dos estudantes. Para dar suporte ao assunto, o uso de fontes, sejam imagéticas, orais ou escritas, ajudam o aluno a ter uma melhor ideia do que está sendo ensinado a ele.

De acordo com Mauro Cezar Coelho, o uso de fontes em sala de aula possuem três funções principais: (a) tornar a aula mais interessante, prendendo a atenção do aluno, (b) tornar mais acessível o universo sobre o qual se pretende trabalhar, constituindo exemplos e, por fim, (c) ilustração do passado. (Coelho, 2017, p.195). Como citado antes, o Arquivo Público Municipal de Uberlândia possui um vasto acervo, inclusive digital, que pode ser utilizado para consultar imagens, principalmente.

A partir do uso dessas fontes, portanto, é possível elaborar um roteiro didático instigante, que pode ser utilizado não apenas na sala de aula, mas em visitas guiadas pelos espaços da cidade, e pode ser realizado em forma de projeto interdisciplinar com disciplinas como Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e outras. Apesar das limitações de tempo e recursos, ensinar a história da própria cidade permite uma possibilidade única, a de visitas de campo. Em Uberlândia, muitos lugares são importantes para evidenciar os processos históricos. A história da Companhia da Mogiana em Uberlândia, pode ser um exemplo. Atualmente, não há nada que indique que havia uma linha de trem na cidade. Ainda assim, vemos o tempo todo lugares que a antiga estrada de ferro ocupava, como o Terminal Central de Uberlândia, que ocupa hoje o local da estação.

A estação da Mogiana e seu pátio ferroviário ocupavam, além do atual Terminal Central, a área da Praça Sérgio Pacheco, que conecta as avenidas Monsenhor Eduardo e João Naves de Ávila. Ambas as vias foram construídas em cima da linha de ferro que cortava a cidade, algo que pode ser visto a partir da observação de um mapa da cidade, uma vez que as avenidas possuem um traçado curvado, diferente das demais ruas retas de Uberlândia.

Andar por essas vias e pelo Terminal é uma forma de colocar em diálogo passado e presente para o estudante. Além desses locais, temos também as já citadas Praça Cícero Macedo, local da primeira igreja de Uberlândia e a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que também são lugares importantes na história da cidade e para o ensino da história local.

Outros espaços que também podem ser considerados são o antigo Estádio Juca Ribeiro, localizado no bairro Nossa Senhora Aparecida, onde atualmente funciona uma unidade do Supermercados BH. O estádio foi construído em 1923, para ser casa do Uberabinha Sport Club, clube de futebol recém fundado e fruto de uma disputa política entre os dois principais partidos da cidade. Apesar de não ter sido o primeiro, foi o principal estádio de Uberlândia até 1982, quando foi inaugurado o Estádio Municipal do Parque do Sabiá.

Além disso, a praça Tubal Vilela, no Centro da cidade, possui uma importância histórica. Planejada em 1898, juntamente com a Cidade Nova, pelo engenheiro James John Mellor, recebeu primeiramente o nome Praça da República. O local era utilizado por grupos de congado e também serviu como campo de futebol nos anos 1910. Bairros como Fundinho e Patrimônio, citados ao longo do texto, também são locais interessantes para realizar visitas.

Em uma proposta de visitas a lugares históricos da cidade, é impossível deixar de ir à Praça Clarimundo Carneiro e ao Museu Municipal. Além da praça em si já carregar muita história, tendo sido um dos primeiros cemitérios de Uberlândia, o prédio centenário já serviu como sede da Prefeitura e da Câmara Municipal e hoje permite visitas guiadas dentro do Museu Municipal, outra forma de complementar o tema ensinado.

A utilização de imagens e a descrição dos lugares, assim como a compreensão do contexto em que foram construídos, reformados ou destruídos, pode ser tratado em um material didático para ser entregue aos estudantes acompanharem durante as visitas. A sugestão é de elaborar um roteiro que evidencie os seguintes locais: Avenidas Monsenhor Eduardo e João Naves de Ávila, passando pelo Terminal Central e a Praça Sérgio Pacheco, visitar a Praça Tubal Vilela e passar pelo antigo local do Estádio Juca Ribeiro, e depois seguir para a região mais central, com a Igreja Nossa Senhora do Rosário e Praça Rui Barbosa, a Praça Cícero Macedo e, por fim, a Praça Clarimundo Carneiro e uma visita guiada ao Museu Municipal.

Cada um destes locais possuía uma importância significativa durante as primeiras décadas de Uberlândia e continuam relevantes, ainda que de outras formas. A Estação da Mogiana representou um impulso econômico e urbano para a cidade, enquanto o Terminal Central, construído em seu lugar, é parte vital do transporte público atualmente. As avenidas Monsenhor Eduardo e João Naves de Ávila, antigamente linhas de ferro, ligam a parte central da cidade com demais bairros. A Praça Tubal Vilela foi construída junto com a Cidade Nova e ainda hoje é um ponto cultural importante. O Estádio Juca Ribeiro, apesar de não existir mais, foi o principal estádio de Uberlândia por décadas e ainda hoje possui vestígios, como sua arquibancada.

Da mesma forma, as Praças Rui Barbosa, Cícero Macedo e Clarimundo Carneiro são locais em que ficavam importantes construções no início do século XX. A Igreja Nossa Senhora do Rosário possuía, e ainda possui, uma importância cultural enorme, especialmente para a população negra e do Congado. A Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo foi o primeiro ponto de referência da cidade e, ainda que tenha sido demolida, seu local foi reapropriado para outras finalidades. Por fim, o Palácio dos Leões, que já foi sede da Prefeitura, da Câmara e hoje em dia do Museu Municipal.

Com base nas aulas e nas visitas, os alunos então terão repertório para entender conceitos de lugar, problematizar discursos dominantes, compreender processos históricos e se enxergarem como parte da história. A partir das reflexões propostas, a última etapa indicada pode ser a realização de uma atividade pelo estudante.

A atividade pode ser realizada no sentido de exercitar a pesquisa, o pensamento crítico e a escrita. Assim, pode-se dar uma proposta para que os estudantes escolham um local da cidade com o qual se identificam, ou que mais gostaram durante a visita guiada, ou que já conheciam/conhecem e buscar o máximo de informações que conseguir a partir de fontes variadas sobre o lugar escolhido. Com as informações coletadas, o aluno elabora uma apresentação por meio de slides, cartazes ou qualquer meio que possa combinar a parte imagética com a descritiva. Dessa forma, a atividade se torna um exercício de compreensão do espaço e valorização de fontes diversas, incluindo a possibilidade de uso da fonte oral, muitas vezes deixada de lado em razão das inúmeras dificuldades em se utilizá-la em sala de aula.

As visitas podem ser complementadas por meio de um material entregue aos alunos, em forma de um folder, com cada ponto visitado e breves descrições sobre os locais, como este abaixo.

A Primeira Igreja



Igreja Nossa Senhora do Carmo, década de 1910

A Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo foi a primeira capela da cidade, construída em 1846. Foi demolida em 1943 para obrigar a Rodoviária. Atualmente, o local é a Praça Cícero Macedo

Igreja Nossa Senhora do Rosário



Igreja Nossa Senhora do Rosário, década de 1920

A Igreja Nossa Senhora do Rosário foi construída em 1891 por ex-escravizados. Faz parte da cultura local principalmente pelo Congado

Mapa da cidade



Uberlândia há 100 anos Guia de visita



Uberlândia, 2025

Como era alguns dos principais locais da cidade há 100 anos atrás?



O Terminal Central e os trilhos de ferro



Estação da Mogiana, década de 1920

O Terminal Central, assim como a Praça Sérgio Pacheco, eram parte da Estação da Mogiana, responsável pela linha de trem que passava pela cidade. Foi demolida em 1970



Mapa das linhas de ferro em Uberlândia. Em vermelho, a antiga e em azul a atual.

Os trilhos de trem (em vermelho) eram exatamente onde hoje são as avenidas João Naves de Ávila e Monsenhor Eduardo



O Estádio Juca Ribeiro



Estádio Juca Ribeiro, 1936

O Estádio Juca Ribeiro não foi o primeiro campo de futebol da cidade, mas foi o mais longo. Inaugurado em 1923, fruto de uma disputa política, foi casa do Uberlândia Esporte Clube por 60 anos. Foi demolido em 2010

A Praça Tubal Vilela



Praça da República (atual Praça Tubal Vilela, década de 1920)

A Praça Tubal Vilela surgiu junto com a "Cidade Nova" no fim do século XIX. Na época, era chamada Praça da República

O Museu Municipal e a Praça Clarimundo Carneiro



Praça da Liberdade (atual Praça Clarimundo Carneiro) com o Palácio dos Leões e o Coreto Municipal, década de 1920

A Praça Clarimundo Carneiro foi, primeiramente, um cemitério. Deu lugar ao Palácio dos Leões, que foi utilizado como sede da Prefeitura Municipal, depois da Câmara e, por fim, atualmente serve como o Museu Municipal. No espaço da praça, também está o Coreto Municipal

III - Considerações Finais

Ensinar a história de Uberlândia em seus anos iniciais pode ser uma temática poderosa e que permite ao professor ir além do tema, promovendo o debate e o pensamento crítico nos alunos contribuindo para uma dimensão importante em suas formações, como a análise de narrativas, discursos sobre a cidade, combatendo possíveis distorções sobre a compreensão histórica, mas também constituindo-se em um ato de resistência do educador, contra a visão da educação conteudista e neoliberal.

Este trabalho buscou discutir elementos do passado, mas que são atuais. A História Local permite esse diálogo de forma didática e coesa. O lugar faz parte da formação do jovem como sujeito, então a oportunidade de trazer esse elemento para um ambiente que, muitas vezes, é desinteressante ao estudante, permite que ele se identifique em algum grau com o conteúdo.

A história de Uberlândia encontra ecos na história brasileira não apenas na época selecionada para este trabalho, mas em outros períodos históricos também. Durante os primeiros anos da Primeira República brasileira, é possível usar a história de Uberabinha para discutir temas como o ideal de progresso e a modernidade. Ao estudar Ditadura Militar, por exemplo, é ensinado sobre as grandes obras feitas no período, como a Transamazônica. Em Uberlândia, temos o exemplo do Estádio Municipal do Parque do Sabiá, inaugurado em 1982 e com capacidade, na época, para 70 mil pessoas, o que o faz ainda hoje o maior estádio do interior do Brasil. A construção do estádio faz parte desse período de grandes obras monumentais e pode ser usado como exemplo nas aulas.

Este é apenas mais um exemplo de como a História Local se encontra com a história “nacional” e que é possível utilizá-la para ensinar diversos períodos históricos. Usar desses elementos regionais para ensinar a história do país tem como objetivo, no fim, tornar o ensino de História mais interessante para o aluno, de forma que ele entenda não apenas o conteúdo, mas o lugar que possui dentro de sua própria história.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DANTAS, Sandra Mara. A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha-MG (1888-1929). [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2 mar. 2009.

BARROS, José D'Assunção. HISTÓRIA LOCAL E HISTÓRIA REGIONAL – A HISTORIOGRAFIA DO PEQUENO ESPAÇO. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/tamoios.2022.57694. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/57694>.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

LEÃO, Karl Schurster Veríssimo de Souza; ANDRADE, Oberdan da Silva de. HISTÓRIA LOCAL E CURRÍCULO DIVERSIFICADO: CONEXÕES ENTRE A MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 397–417, 2020. DOI: 10.35355/0000061. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/27>.

COELHO, Mauro Cezar. Que enredo tem essa história? A colonização portuguesa na América nos livros didáticos de história. In.: ROCHA, Helenice, REZNIK, Luis, MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Livros Didáticos de História: entre política e narrativas. Rio de Janeiro: FGV, p. 185-201, 2017

LACERDA DE BRITO, Adriana; CRISTINA DOS SANTOS, Joelma. Espaço e técnica no triângulo mineiro: uma geoliteratura do mundo rural. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 365–385, 2018. DOI: 10.5216/bgg.v38i2.54614. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/54614>.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. População de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1170.pdf>.

BATISTA, Leonardo Latini. A (re)organização do estado de Minas Gerais: republicanismo, municipalismo e obras públicas na passagem do século XIX para o XX. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2012.388>

CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. Revista História Hoje, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>.

CARVALHO, Carlos Henrique de. A HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL: DIMENSÕES POSSÍVEIS PARA OS ESTUDOS HISTÓRICO-EDUCACIONAIS. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 6, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/273>.

Gatti, Giseli & Filho, Geraldo & Gatti Júnior, Décio. (2008). A ESCOLA NA CIDADE: A CRIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EM UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉC. XX. Cadernos de História da Educação. 5.

SANTOS, R. M. Práticas culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897–1950). História & Perspectivas, Uberlândia/ MG, n. 40, p. 207-226, jan./jun. 2009.

História e historiografia da formação econômica de São Pedro de Uberabinha nos anos de 1912 a 1922. Tempo da Ciência, [S. l.], v. 12, n. 24, p. p. 17–34, 2000. DOI: 10.48075/rtc.v12i24.444. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/444>.

IMENES, Marcus Dias. Ferramentas didáticas para o(a) professor(a) designado(a) de Minas Gerais. Ensino de História, Mundos do Trabalho e Patrimônio Cultural em

Uberlândia. 2024. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024
<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.436>.

PEREIRA DA SILVA, A. As Histórias de Uberlândia, volume 2. Uberlândia: [s.n.].

A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Angélica Cristina Gomes. A instituição da região: (in)definições do “Sertão da Farinha Podre, actual Triângulo Mineiro”. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.6029>